



Experiência Sintoma Fresta

Chamada para a Revista ARA 10

Regina Lara Silveira Mello

*PPG em Educação, Arte e História da Cultura
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil,
reginalara.arte@gmail.com*

O tema da Revista ARA, em sua 10 edição, nos convida a pensar em três palavras, sem considerar hierarquia de importância ou significado entre elas: Experiência, Sintoma e Fresta. Criar, observar, escrever, fotografar refletindo o tempo presente expandido, considerando o tempo passado e o tempo futuro. Até setembro estaremos recebendo artigos, ensaios, fotos, desenhos e o que mais surgir para o próximo número, a ser lançado em 2021.

Atravessamos o desconhecido, em meio à viagem sem ponto ou momento de parada definidos, passamos por lugares onde perigos podem nos assaltar e a única certeza é que seremos surpreendidos. Experiência, em alemão *Erfahrung* (*erf-fahrung*, s.f.), do verbo *fahren*, significa viajar, atravessar, dirigir, e do latim *experientia*, tentativa, prova, ensaio. A palavra experiência traz incorporada a ideia de alargar a nossa condição no mundo, pela tentativa e erro, sugerindo o tatear, viver e refletir sobre o vivido. Constituímos um desenvolvimento técnico que nos permite entender o que se passa e visualizar o futuro. Estávamos num cotidiano extremamente acelerado, indivíduos em tempos desiguais, quando fomos forçados a aterrissar no continente do ciberespaço. O isolamento provocado pela pandemia do COVID 19 inseriu definitivamente a telepresença em nossas vidas, somando parte do presente midiático e ecos do tempo real. Nas grandes cidades, os que estavam acelerados e se deslocavam rápido para produzir mais, hoje se isolaram em suas casas, abrindo literalmente o espaço das ruas aos que agora precisam se deslocar loucamente acelerados para produzir a mínima subsistência.

Vivemos num tempo escuro em que a realidade só pode ser vista no campo das imagens luminosas, pois lá estão os rostos, corpos e paisagens em todo seu esplendor. Apesar da realidade que nos reduz a adivinhar o sorriso por trás da máscara, tentamos manter a visão no foco mesmo longe das pessoas, distantes no tato, no momento exato em que um metro se tornou a medida da intimidade. No encontro real os detalhes visuais se perdem, ou se reconstruem em novas sutilezas como a expressão do olhar, agora supervalorizado pois incumbido de comunicar todas as expressões faciais, desde as complexas emoções de alegria ou tristeza, aos agradecimentos comuns e educados, ou

não, do dia a dia. Nesta nova realidade expulsamos o olfato, que passou a representar o perigo, um indicativo do sintoma invisível que procuramos reconhecer a cada respiração, nas superfícies, por toda parte. O ar que tentamos a todo custo exteriorizar insistentemente retorna, nos lembrando o odor interno dos nossos próprios corpos.

O que nos conduz? O que poderá nos resgatar em meio a esta travessia incerta?

A imagem, transformada em sinal e mediada pelos mais diversos dispositivos, se tornou o farol que nos ilumina a realidade. Nas telas que refletem as imagens, observamos detalhes que presencialmente não são visíveis, se misturando aos que nunca foram, na verdade. A tecnologia que criamos nos permite, por exemplo, visitar museus e chegar magicamente bem pertinho de um quadro, analisar o movimento das pinceladas e as camadas de cores. Viajar a Paris, entrar no Louvre, na sala onde está exposta a Mona Lisa, sem pegar imensas filas e olhando bem de perto, parece um sonho! E, de certa forma, é mesmo um sonho: a imagem em pixels *flutuando* na tela é bem menor do que o quadro real, e normalmente não se oferece à comparação com a escala humana, apenas números de metragens que nos soam abstratos, além de depender da regulagem dos dispositivos de captação e transmissão para informar o que seria mais próximo da realidade. Neste sonhar acordado as lembranças pessoais poderiam completar a experiência da visita, imaginando visitantes do museu ao seu lado naquele momento, tentando ouvir suspiros ou críticas, além do click das fotos quando permitidas, sentindo o aroma dos perfumes antigos e suores variados. É, sem dúvida, uma outra experiência de realidade, que integra a incerteza da matéria transformada em luz como parâmetro; o som, quando acompanha, não é captado no ambiente, estabelece uma narrativa que completa a visualidade da imagem.

O fenômeno subjetivo do sintoma, que em medicina refere-se à informação que o paciente oferece ao médico para o diagnóstico da doença, por extensão pode ser entendido como indício, sinal, traço, ou ainda intuição, presságio, pressentimento. Na história da arte o sintoma representa as marcas da

sobrevivência da imagem, que retorna sempre como um fantasma em épocas distintas, percorrendo o tempo como memória fluida, indicando repetições dos *páthos* vistos e percebidos de maneira distinta, conforme mudam os olhares e a realidade. As formas cristalizadas na obra de arte refletem o tempo vivido, corporificado, relacionado a tensões sociais de determinado momento, que retornam constituindo linguagem a ser compreendida pelos sintomas, indícios estéticos oferecidos à fruição ou à crítica.

No tempo abreviado de mudança das percepções, transformado em realidade virtual, o sintoma na arte pode ser o cais, trazer os ecos do passado que nos enraízam no presente, ponto de apoio para a construção de narrativas que nos envolvem em todos os sentidos. Dar voz ao sintoma seria a melhor maneira de ouvir os fantasmas que escapam pelas frestas. A imagem na tela plana media nossa relação com o real, nos separa e aproxima, revela cores, texturas, aromas e sabores. Tornou-se a fresta de luz que invade o isolamento de nossas casas, indícios do mundo lá fora. A fresta mediada pela arte, na abertura estreita que iluminou os templos medievais com seus vitrais, promoveu no interior imensos reflexos coloridos, fundando a narrativa de seu tempo.

Somente a arte poderá mediar a experiência do tempo presente. E como diria Pessoa, “Nada mais quero nem peço. Entrego-lhe o coração”.

Fresta

Em meus momentos escuros
Em que em mim não há ninguém,
E tudo é névoas e muros
Quanto a vida dá ou tem,

Se, um instante, erguendo a fronte
De onde em mim sou aterrado,
Vejo o longínquo horizonte
Cheio de sol posto ou nado

Revivo, existo, conheço,
E, ainda que seja ilusão
O exterior em que me esqueço,
Nada mais quero nem peço.
Entrego-lhe o coração.

Fernando Pessoa, in "Cancioneiro".